

Disco Riscado

As notas, comentários e anotações da semana

Compilação: Alexandre Giesbrecht

Que jogo!

Foi um jogo estranho na última quinta no Madison Square Garden. Foi como dois jogos em um. Um jogo foi disputado nos primeiros 42 minutos. Os Senators destruíram os Rangers, que pareciam estar dormindo, 5-0. Os visitantes estavam tão dominantes que muitos torcedores devem ter considerado a hipótese de ir embora no segundo intervalo. Esses torcedores provavelmente agradecem aos céus por não terem ido. Nos 17 minutos e meio seguintes, o time de Nova York parecia ressuscitado e fez 4-0 em um Ottawa perdido. O técnico dos Senators, Bryan Murray, parecia torcer para não se tornar o mais recente exemplo do ditado “quem com ferro fere com ferro será ferido”. Afinal, dois dias antes os Senators marcaram cinco gols no terceiro período e viraram o jogo contra os Bruins,

vencendo por 5-2. Mas contra os Rangers, a estrela dos Sens, Dany Heatley enterrou as esperanças dos nova-iorquinos com um gol em rede vazia a 34 segundos do fim. Depois de dois períodos chatos, o terceiro foi um desbunde. O quase-heroísmo dos Rangers contou com gols dos legendários artilheiros Jason Ward, Marcel Hossa e Blair Betts. Até esse jogo, os três tinham, somados, nove gols na temporada. Aliás, esse tem sido o grande problema do time: pouca produção das linhas de baixo. Se a derrota de quinta-feira servir ao menos para fazer esse pessoal pegar no tranco... Mas talvez essa estatística nem seja a coisa mais bizarra que aconteceu no embate. Durante uma pausa, as câmeras focaram “Dancin’ Larry”, um folclórico torcedor dos Rangers, que costuma dançar ridiculamente. Um su-

jeito aparentemente bêbado aproveitou-se dos holofotes e começou a se balançar atrás dele e acabou começando uma briga com outro torcedor. Tudo isso ao vivo para quem assistiu à partida no estádio. Ou melhor, enquanto os xiitas politicamente corretos não tiraram a cena do ar, substi-

tuindo-a pelo logo dos Rangers e enquanto a rápida segurança do estádio não interveio para acalmar os ânimos. Li sobre isso e estou tentando até agora achar o vídeo no YouTube ou onde quer que seja. Definitivamente, foi uma noite estranha no Madison Square Garden.





FLYERS

A vida é dura

A volta do capitão Peter Forsberg (foto) acabou não tendo o impacto que Flyers esperavam: o time ainda está na lanterna da NHL, com 26 pontos em 45 jogos. Forsberg, que estava parado devido a uma contusão na virilha e a um incômodo em seu tornozelo direito, que já foi operado uma vez, não marcou pontos e teve -1 em 21 minutos na derrota do Philadelphia para o Montreal por 4-2 na quinta-feira. “Se você me perguntar se eu joguei bem, a resposta é não. Não acho que joguei muito bem”, disse ele ao jornal *Philadelphia Inquirer*. Dois dias depois, os Flyers perderiam para os Penguins, também em casa, por 5-3. Forsberg até jogou um pouco

melhor – um gol e uma assistência –, mas, de novo, não foi o suficiente. A carreira do sueco sempre foi marcada pelo sucesso, incluindo aí duas Copas Stanley e duas medalhas de ouro nas Olimpíadas de Inverno, só que nesta temporada as coisas têm sido diferentes. “Definitivamente, é frustrante, e é um dos momentos mais difíceis da minha carreira”, lamentou ele, também ao *Inquirer*. “Você acorda todas as manhãs e vai treinar com os outros, que, como você, estão perdendo o tempo todo.” Ainda assim, os Flyers têm jogado muito melhor com Forsberg escalado do que sem ele. Quando ele fica de fora, o time tem uma horrorosa campanha de 0-13-3.

PENGUINS

Bem na divisão

Sidney Crosby marcou dois gols na terça-feira, na vitória por 5-2 sobre os Islanders, somando agora 13 pontos (três gols e dez assistências) em cinco jogos contra eles nesta temporada. É o segundo maior jogador contra qualquer time em 2006-07; o mesmo Crosby tem 16 pontos (em seis jogos) contra os Flyers. Ele já soma 38 pontos em 18 jogos dentro da Divisão Atlântico. Nenhum jogador consegue média de ao menos dois pontos por jogo em jogos dentro da sua própria divisão desde a temporada de 1995-96, quando Jaromir Jagr marcou 58 pontos em 28 jogos e Mario Lemieux marcou 52 em 26 jogos dentro da Divisão

Noroeste. Ambos também defendiam os Penguins, então naquela divisão. No mesmo jogo contra os Islanders, os Penguins ainda conseguiram a proeza de sofrer um gol em desvantagem numérica de dois homens. O autor foi Richard Park, sul-coreano que chegou a defender o time de Pittsburgh nos anos 90. O jornal *Pittsburgh Post-Gazette* teve a curiosidade de saber quando – e se – os Penguins sofreram outro gol nas mesmas condições, mas o conceituado Elias Sports Bureau, que pesquisa as estatísticas mais impossíveis, não conseguiu determinar. Até o fechamento desta edição, eles continuavam pesquisando. E nós continuamos aguardando.

RUMORES • RUMORES • RUMORES

» O técnico dos Senators, Bryan Murray, está nos últimos meses de um contrato de três anos assinado em 2004. Murray, um ex-gerente geral (de sucesso, aliás), negocia seus próprios contratos, mas aparentemente ainda não discutiu esse assunto com a diretoria do clube.

» O GG dos Penguins, Ray Shero, negou com veemência um rumor de Nova York que dava conta de que ele estava conversando seriamente com os Rangers, que cobijam Ryan Malone e Brooks Orpik. Outro jogador que pode estar na mira dos camisas-azuis é Martin Rucinsky, dos Blues.

» O GG dos Devils, Lou Lamoriello, tem seis semanas para decidir se seu time vai mesmo conseguir brigar pela Copa ou se ele vai tentar trocar Scott Gomez recebendo algo significativo como retorno. Em julho, ele possivelmente perderá seu principal central ofensivo, cujo contrato termina após a temporada.

» A diretoria dos Flyers acredita que o time pode voltar a brigar por títulos com uma série de contratações no próximo verão, que incluiriam Chris Drury e/ou Daniel Briere, mais Peter Forsberg – se ele quiser voltar. Já a suposta conversa que Forsberg teria tido com os Canadiens não passa de boato.



FOTO DA SEMANA – 13/janeiro/2007 Yutaka Fukufuji, goleiro dos Kings, toma um banho de gelo na sua área em jogo contra os Blues. Com o simples ato de entrar no gelo, Fukufuji tornou-se o primeiro japonês a atuar pela NHL, como a TheSlot.com.br já adiantava na [última edição](#). **FOTO:** Tom Gannam/AP

» Os dias de Pascal Dupuis em Minnesota parecem estar contados. A única dúvida é se o Wild vai trocá-lo antes da data-limite (27 de fevereiro) ou se ele irá embora como agen livre irrestrito ao final da temporada.

» O dono dos Islanders, Charles Wang, e o GG Garth

Snow liberaram US\$ 5 milhões em espaço sob o teto salarial nesta temporada, e um dos motivos é a tentativa de renovação com Jason Blake.

» A renovação do contrato de Pavel Datsyuk é a grande prioridade dos Red Wings. O GG Ken Holland e o empresário de Datsyuk, Gary Greenstin, re-

centemente recomeçaram as conversas, mas ainda estão distantes de um acerto.

» Os Coyotes ofereceram renovação de contrato ao central Yanic Perreault e ao goleiro Mikael Tellqvist, dois dos principais responsáveis pela reviravolta do time, e esperam por uma resposta.



Contagem regressiva

Texto: Allan Muir

Tradução: Alexandre Giesbrecht

[Artigo original](#)

Aproveite o momento, torcida dos Predators. Seu time é o líder da Divisão Central e, com dois jogos a menos, pode tirar o Anaheim do topo da Conferência Oeste. Seus Preds são verdadeiros monstros em casa, com uma campanha de 15-3-3 no GEC, e ganharam oito de seus últimos dez jogos. E vocês ainda podem ver atrações genuínas como Paul Kariya e Tomas Vokoun, e estrelas em ascensão, como Alexander Radulov e Shea Weber. E, finalmente, depois de anos de recrutamentos inteligentes, trocas perspicazes e contratações bem elaboradas, seu time tem boas chances de brigar pela Copa Stanley.

Infelizmente, é difícil de acreditar, mas o time poderá abrir concorrência para contratar caminhões de mudança em um futuro próximo.

Não precisa ligar para ninguém propondo uma passeata,

leal torcida. Ainda não é necessária uma campanha “Salvem nossos Preds”. Mas entenda isso: acontecimentos recentes sugerem que a hora de entrar em ação pode não estar longe. O dono do time, Craig Leipold, foi a uma emissora de rádio em Nashville na semana passada para discutir sua intenção de vender até 40% dos Preds para compradores locais. O motivo? O time está sofrendo desesperadamente para vender ingressos, com a 23.ª média de público na liga. Apesar de todas as vitórias, o público está definhando – o que torna menos provável que os Preds atinjam as médias necessárias para participar da divisão de rendimentos da liga. E esse é um dinheiro que vai fazer muita falta.

Leipold, nascido no estado de Wisconsin, acredita que donos com raízes locais são o ingrediente que falta para alcançar a estabilidade finan-

ceira. Um nome familiar (ou dois ou três), acredita, vai abrir portas nas empresas locais cujas relações com o time podem ajudar a assegurar sua viabilidade. É bom deixar claro que o problema não é falta de apoio da torcida. Os fanáticos no Gaylord Entertainment Complex são tão apaixonados e fiéis como quaisquer outros na liga. O verdadeiro problema são os assentos vazios que se espalham pelo anel de baixo, o mais caro, e as fileiras de camarotes desocupados.

Um dirigente dos Preds disse ao jornal *The Tennessean* que o time atualmente tem uma base de 65% de compradores individuais e 35% corporativos, e que é necessário inverter esses números para que haja sucesso a longo prazo. Levando-se em consideração as tendências atuais, isso parece um sonho distante. Quando a franquia foi criada e a empolgação estava

lá em cima, o time tinha algo na ordem de 4 mil contas corporativas. Hoje, o número está abaixo da metade – apesar da boa campanha do time, o que tende a acelerar as vendas de ingressos em outras cidades.

Tudo isso sugere que não é pela falta de um rosto conhecido sorrindo do camarote principal que as empresas locais estão virando as costas para os Preds. A realidade é que Nashville é o que eufemisticamente se conhece por “mercado não-tradicional”, o que significa que a maioria das pessoas na cidade ou não sabe nada de hóquei ou não está disposta a se importar com o esporte. Isso inclui aqueles que têm os recursos para impactar as vendas de ingressos. De acordo com uma notícia no jornal *Nashville City Paper*, na semana passada, os Predators recentemente entraram em contato com 250 das maiores empresas locais.



Menos de um terço dessas empresas deram ao time meia hora para fazer uma apresentação de vendas. Um total de dez – sim, dez – entre as 250 maiores empresas da cidade concordou em comprar pacotes de ingressos.

Um otimista pode dizer que isso significa que uma cidade com presença de menos de dez anos em ligas profissionais ainda não entende por completo o potencial de se comprar carnês de ingressos. Mas é mais provável que seja uma leitura precisa do interesse da comunidade corporativa pelo esporte e como ela encara o valor desses ingressos como ferramenta de marketing para seus clientes. O fracasso público que presenciou o jogo da semana passada contra os Ducks (11.821 pagantes) ilustra bem esse fato, mas essa é só a primeira manchete de muitas que ainda virão por aí. Os Preds, vejam só, têm uma cláusula que permite a eles pular fora do seu contrato de locação no GEC em 2008, tornando uma mudança de Nashville uma possibilidade iminente.

Mas essa ameaçadora cláusula de escape não é o único motivo por que Leipold está vindo a público com seu plano agora. É tudo questão de senso de oportunidade. Neste exato instante, os Preds, em primeiro lugar na divisão, são mais atrativos que em qual-



quer outro ponto de sua curta história. Para alguém da cidade, a chance de ser associado a um vencedor é muito mais interessante do que se fosse um time de expansão amalhando derrota atrás de derrota. E, mesmo já sendo bons hoje, o talento que têm sugere que tempos ainda melhores estão pela frente. O momento de comprar participação nos Predators, e, por consequência, em Nashville, é agora.

Mas, como todos os melhores negócios, esta oferta não vai durar muito. Se ninguém se candidatar em breve, a realocação é uma opção legítima. E ninguém que se importe com os interesses de Nashville pode deixar de reconhecer. Isso não significa que o pes-

soal de Kansas City deva olhar para os Preds como um plano B em caso de os Penguins não aceitarem sua generosa oferta. Ao menos não por enquanto. Leipold tem sido enfático ao dizer que o time não irá se mudar – especialmente não para Kansas City – e que seu objetivo é ganhar uma Copa Stanley em Nashville. Mas uma variação dessas mesmas palavras tranquilizadoras já foi dita em algum ponto por praticamente todos os donos de times que eventualmente levantaram acampamento junto com a sua franquia.

Dá para acreditar nas palavras de Leipold quando ele diz que seu desejo mais profundo é manter o time em Nashville. Ele é o sujeito que

O duelo contra os Ducks (vencido pelos Preds por 5-4 na prorrogação) atraiu menos de 12 mil torcedores a um estádio onde cabem 17 mil

resistiu à tendência ao empregar o mesmo técnico e o mesmo gerente geral por nove temporadas, então já provou que não está inclinado a tomar uma decisão precipitada baseado no impacto em curto prazo. Mas o mundo dos negócios não tem muita paciência para “desejos profundos”. Os Preds não podem sobreviver por muito tempo em Nashville sem um aumento massivo do apoio corporativo. E essa não é uma ameaça vazia.



A defesa acima não foi nada perto do susto que Luongo passou nesta semana

CANUCKS

Protetor nem após susto

Daniel Sedin chutou... e não marcou. Roberto Luongo estava no meio do caminho. Ou melhor, o pescoço de Luongo estava no caminho. E o treino de segunda-feira dos Canucks quase acabou em tragédia: o goleiro não costuma usar protetor de garganta nos treinamentos. Ele esteve a alguns quilômetros por hora e uns poucos centímetros – milí-

metros, quem sabe? – de uma contusão potencialmente devastadora na garganta, que, na melhor das hipóteses, deixá-lo ia fora de combate por um bom tempo. A torcida que acompanhava o treino assustou-se, e rapidamente foi formado um rebulço perto das bordas para todos tentarem descobrir se Luongo estava bem. Ele conseguiu patinar para fora do gelo, contorcido. Pouco depois, ele

apareceu com um hematoma no pescoço do tamanho de uma bola de golfe. No dia seguinte, treinou normalmente. Ou melhor, quase. Ele resolveu usar o tal do protetor. Mas não espere que ele continue usando: ele odiou a experiência. “O problema é que eu quero me mexer livremente”, contou. “Não quero nada impedindo meus movimentos ou minha visão, especialmente quando eu es-

tu procurando pelo disco.” No máximo, quem sabe, nos treinos, mas não durante os jogos: “É algo que vou ter de estudar. Mas também não quero complicar para os roupeiros, que teriam de colocar e tirar [da máscara] todos os dias.” Além do protetor que fica pendurado à máscara, outra opção seria um que envolve o pescoço como uma gola olímpica. O técnico Alain Vigneault diz que o time não pretende forçar Luongo a usar nada: “Ele é experiente e acho que sabe o que é melhor para sua performance e segurança.”



DEVILS

Dois jogos com marcas atingidas

Martin Brodeur fez 26 defesas na terça-feira, contra os Rangers, marcando o 88.º shutout de sua carreira, o 18.º com o placar de 1-0. É um sinal dos tempos. Na “era moderna” da NHL (desde 1943-44, quando a linha vermelha no centro do gelo foi introduzida), os únicos goleiros a conseguir dez shutouts com o placar de 1-0 são Ed Belfour (15) e Terry Sawchuk (14). Além do shutout, o time de New Jersey não sofreu uma única penalidade durante o jogo. O último time a não sofrer gols nem penalidades em um jogo foi o Boston, em uma vitória por 3-0 em

Toronto, em 28 de março de 2001. O jogo contra os Rangers, na verdade, poderia ter sido o 19.º shutout com placar de 1-0 para Brodeur. Três dias antes, Devils e Islanders jogaram por 58 minutos sem nenhum dos times abrir o placar. Então, John Madden fez 1-0 para os Devils aos 18:42, o que teria selado o shutout para Brodeur. Mas Miroslav Satan conseguiu empatar o jogo a dois segundos do fim do tempo normal. Na prorrogação, Scott Gomez deu a vitória ao New Jersey. Mesmo sem o shutout de Brodeur, uma coisa chamou a atenção nesse jogo: foi a primeira vez na história da liga – que começou em 1917, mesmo ano em que o Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial! – que nenhum dos dois times abriu o placar nos primeiros 58 minutos de jogo, mas ambos marcaram nos dois minutos seguintes.

Brodeur: 88.º shutout

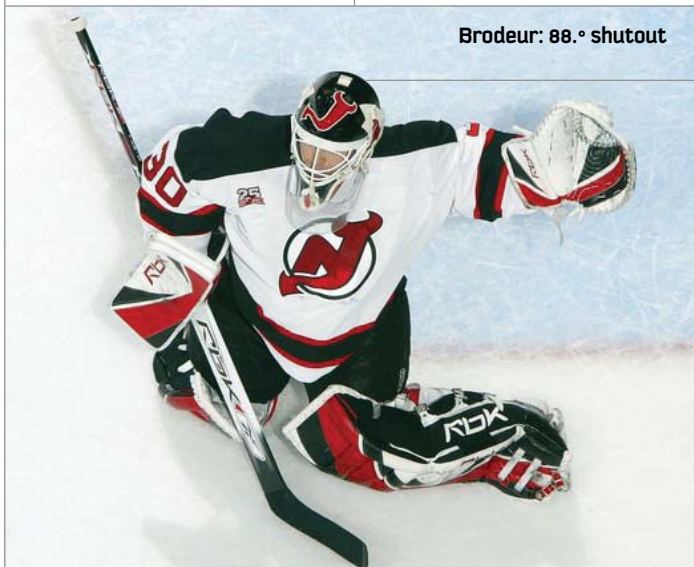


FOTO: Jim McIsaac/Getty Images (Brodeur) e Phillip MacCallum/Getty Images (Alfredsson)

PAPO COM QUEM LÊ

Vira-e-mexe, recebemos e-mails interessantes dos nossos leitores. Esforçamo-nos para responder todos, e alguns deles vêm parar neste espaço. Para esta edição, não tivemos nenhuma pergunta para responder. Se você quiser mandar a sua pergunta, mande um e-mail para discoriscado@theslot.com.br ou visite nossa [página de Contato](#).

WINGS E HABS

Há quanto tempo!

Os Red Wings bateram os Canadiens por 2-0 em Detroit, na segunda-feira. Nos tempos de Gordie Howe e Maurice Richard, os dois times se enfrentaram nas finais da Copa Stanley quatro vezes em cinco anos – e ainda são o único par de times na história da NHL a decidir títulos entre si tantas vezes em tão pouco tempo –, entre 1952 e 1956. Apesar desse histórico, o confronto de segunda-feira marcou a primeira vez em mais de três anos (desde 20 de outubro de 2003) que os Wings jogariam contra os Habs. O intervalo de três anos e 87 dias sem confrontos é o maior da história entre jogos envolvendo um mesmo par de times entre os Seis Originais.



SENATORS

Seqüência histórica

Daniel Alfredsson (foto) marcou o gol da vitória em cada um dos quatro últimos jogos dos Senators (nos 5-2 contra o Boston, no dia 9, nos 6-4 sobre os Rangers, no dia 11, nos 8-3 sobre o Montreal, no dia 13, e nos 5-2 sobre o Washington, na terça-feira). O único outro jogador na história da NHL a marcar o gol da vitória em quatro jogos consecutivos foi Newsy Lalonde, que o fez por cinco vezes seguidas pelos Canadiens em fevereiro de 1921.

Alexandre Giesbrecht, 30 anos, conseguiu tirar um pouco do atraso da leitura na sua semana de férias.